



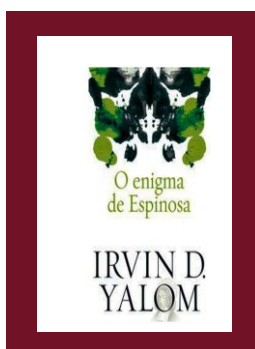
# Em Tese

## ROSENBERG E A SAGA PARA DESVENDAR O ENIGMA DE ESPINOSA: UM OLHAR SOBRE A OBRA DE IRVIN D. YALOM

Rosenberg and the saga to unravel Espinosa's enigma: A look at the work of Irvin D. Yalom

Daniel de Souza **LE MOS**  
Doutorando em História  
Universidade Federal de Pelotas, PPG História, Pelotas, Brasil  
daniel-dlemos@educar.rs.gov.br  
<https://orcid.org/0000-0003-3671-5203> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



YALOM, Irvin D. O enigma de Espinosa: a história do filósofo judeu que influenciou uma das maiores mentes nazistas. Tradução Maria Helena Rouanet. 1ªEd. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019. 432p.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espinosa. Rosenberg. Judeu. Antissemita. Excomunhão.

**KEYWORDS:** Espinosa. Rosenberg. Jewish. Antisemite. Ban.

“O enigma de Espinosa, a história do filósofo judeu que influenciou uma das maiores mentes nazistas” é uma obra do escritor e psiquiatra estadunidense Irvin D. Yalom, mais conhecido do público leitor brasileiro pelo seu Best seller “Quando Nietzsche chorou”. A versão traduzida para a língua portuguesa foi publicada no Brasil em 2019, logo é justificável uma resenha crítica do trabalho de Yalom, que está próximo de completar 90 anos de vida em 2021.

O livro é dividido em 33 capítulos, além de prólogo, epílogo e um tópico denominado “Fato ou ficção? Esclarecendo as coisas”, onde Yalom aponta os elementos factuais, históricos, e os aspectos criados por sua imaginação. Inicialmente, o autor informa a origem de seu interesse pelo filósofo holandês, e como encontrou a matéria prima e a ideia original da pesquisa ao visitar o Museu Espinosa em Rijnsburg, Amsterdã, Holanda. E, nessa ocasião, tomou conhecimento do grande interesse que, um dos maiores ideólogos do nazismo o *Reichsleiter* Alfred Rosenberg, tinha na obra, e na biblioteca particular, de Bento Espinosa.

Yalom escreve um livro, então, com dois protagonistas, a saber, Bento Espinosa e Alfred Rosenberg, cujas histórias são narradas intercaladamente nos 33 capítulos. 16 capítulos voltados a Rosenberg e 17 a Espinosa. O narrador em terceira pessoa é onisciente, ele sabe o que os personagens pensam e sentem. Além disso, Yalom utiliza o recurso de colocar dois importantes personagens – ficcionais, como informa na última seção do livro – para dialogar com os protagonistas e fazer a função de alter ego, ou psiquiatra, de Rosenberg e Espinosa. São eles o traidor, amigo e futuro rabino Franco Benitez, interlocutor de Espinosa e, o amigo de infância e psicanalista Friedrich Pfister confessor e médico de Rosenberg.

As tramas que se entrelaçam em razão do interesse de Rosenberg (fato histórico) em Espinosa acontecem em dois tempos: na Holanda do século XVII, nos anos da vida adulta de Bento Espinosa (1656-1677) até a sua morte. E, entre os anos de formação no ensino secundário (1910) e superior de Alfred Rosenberg, até a sua condenação ao enforcamento, pelo Tribunal de Nuremberg, em 1946. Ao longo desse espaço temporal Yalom discorre sobre os principais pensamentos de Bento Espinosa, que o levaram a ser excomungado da sua comunidade judaica, como o conceito de Deus como Natureza, a dicotomia da Imanência versus transcendência, os questionamentos da liturgia judaica, bem como da autoridade dos rabinos. Todos esses temas, e outros, que serão tratados a seguir, Yalom extrai das principais obras de Espinosa, como a *Ética*, o *Tratado Teológico-Político* e, também, da correspondência que Espinosa estabeleceu com amigos.

Assim como procedeu com o pensamento de Espinosa, Yalom reconstitui a trajetória de Alfred Rosenberg ao deixar a Estônia em direção a Munique, onde trava contato com Dietrich Eckart. Torna-se seu aprendiz e editor-adjunto no periódico *Auf gut Deutsch (Em bom alemão)*, jornal de extrema-direita, que propagava ideias antisemitas na Alemanha da República de Weimar. É nesse contexto que Rosenberg conhece aquele que vai ser um referencial na sua vida e, também corresponsável pela sua morte, Adolf Hitler.

O espaço no livro de Yalom passa pela Amsterdã da época de Espinosa, transitando especialmente pelas regiões de Rijnsburg (Leyde), Voorsburg e Haia, lugares em que o filósofo holandês viveu e, por fim, morreu. Por outro lado, também é cenário da narrativa, Reval na Estônia, pequeno país do leste europeu, que ora estava sob o domínio russo (1910), ora anexado à Alemanha (1940) onde Alfred Rosenberg nasceu em 1893. E, ainda, Munique onde Rosenberg se estabeleceu quando chegou a Alemanha e iniciou sua carreira de jornalista e ideólogo do nazismo, e Berlim, a capital do Reich, onde Rosenberg exerceu inúmeros cargos na elite do governo. Como, por exemplo, *Einsatzstab Reichsleiter* (líder da força-tarefa) responsável pelo confisco do acervo de todas as bibliotecas judaicas e maçons existentes em territórios ocupados pelos nazistas – o acervo do Museu Espinosa, na Holanda, seria uma das vítimas dos saques – e diretor da *Hohe Schule* (escola superior), uma universidade do Nazismo para a elite do partido. Por fim, Rosenberg ainda seria nomeado ministro do Reich para os territórios ocupados no leste europeu.

Yalom inicia a narrativa de um momento em que a excomunhão (*cherem*) de Baruch Espinosa da comunidade judaica de Amsterdã era iminente. Em 1656 o filósofo já contava com 24 anos e tinha uma sólida formação religiosa na tradição hebraica. Dominava o hebraico, a Torá e os Antigo e Novo Testamentos, a ponto de possuir uma crítica pormenorizada dos trechos e das passagens em que verificava inconsistências históricas e racionais, que viria a aparecer em suas obras filosóficas. Além de estar iniciando os estudos de latim e grego, de modo a tomar conhecimento mais profundo do pensamento grego clássico. Espinosa nessa época se esquivava de participar dos principais momentos judeus, como por exemplo, do Sabbath – dia de descanso semanal no judaísmo, simbolizando o sétimo dia no Gênesis, após os seis dias da Criação. Certamente, a ausência de Espinosa na sinagoga da pequena comunidade sefardita – termo usado para referir aos descendentes de judeus originários de Portugal e Espanha – a qual pertencia, era notada.

Espinosa fazia questionamentos dirigidos diretamente à base do dogma judaico-cristão, por exemplo, à narrativa de Adão e Eva e sua descendência, Caim e Abel. Como

seria possível surgir uma esposa para Caim, visto que Adão e Eva foram os primeiros exemplares da humanidade e não se tem notícia de outro casal original? Essa questão é denominada pré-adamita, e Espinosa a chama de fábula e metáfora, para desassossego dos seus pares (p.53). Isso às vésperas do seu *Bar Mitzvá* – cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica. Para piorar sua situação frente às autoridades judaicas, Espinosa não reconhecia o seu povo como escolhido por deus. Não via nada na Torá que justificasse a superioridade dos Judeus sobre os outros povos. (p.89) E, ainda, que aquela é originada da imaginação dos vários profetas que a escreveram, e não das palavras originais de deus (p.91). Tudo isso não tardaria a culminar com o *cherem* – mais alto grau de punição do judaísmo quando a pessoa é excluída da comunidade judaica – de Espinosa.

Na narrativa de Yalom, Espinosa salientava as contradições e as passagens inconsistentes dos textos hebraicos: *“A Torá está tão repleta delas que é mais claro que o sol do meio-dia que os livros de Moisés não podem ter sido escritos por ele, e é irracional continuar afirmando que ele próprio é o autor de tais textos”* (p.131) Assim como acontece com o Livro dos Juízos, *“Ninguém pode acreditar em sua consciência que cada juiz escreveu o livro que traz o seu nome. A forma com que vários deles se remetem sugere que todos são do mesmo autor”* (p.131)

Talvez a heresia mais contundente cometida por Espinosa em relação à lei judaica seja o conceito de Deus como Natureza, ao rejeitar a um só tempo homem como imagem e semelhança de deus, a reencarnação e transcendência de Deus. Yalom descreve esse raciocínio na seguinte passagem:

Volto a insistir que todas as ideias são opiniões humanas; elas nada têm a ver com as leis da Natureza, e nada que contrarie essas leis imutáveis pode efetivamente ocorrer. A Natureza, que é infinita, eterna e engloba todas as substâncias do universo, age de acordo com uma série ordenada de leis que não podem ser suplantadas por recursos sobrenaturais. Um corpo que se decompôs, que voltou ao pó, não pode ser recuperado. O Livro do Gênesis nos diz isso com toda a clareza: Comerás o teu pão com o suor do teu rosto até que voltes à terra de que foste tirado, porque és pó e pó te hás de tornar. (YALOM, 2019, p.139).

No dia 27 de julho de 1656 Baruch Espinosa foi excomungado da comunidade judaica sefardita pelo Conselho dos rabinos de Amsterdã. Yalom afirma que utilizou os termos precisos no seu livro:

Pelo julgamento dos anjos e pela sentença dos santos homens, excomungamos, expulsamos, amaldiçoamos e execramos Baruch Espinosa com o consentimento de Deus, bendito seja Ele, e com o consentimento de toda a sagrada comunidade reunida diante dos livros sagrados com os 613

preceitos nele inscritos; amaldiçoando-o com a excomunhão com a qual Josué puniu Jericó e com a maldição com a qual Eliseu amaldiçoou os meninos e com todos os castigos que estão escritos nos Livros da Lei. (YALOM, 2019, p.199).

A partir desse fato Espinosa abandona a forma hebraica de pré-nome, Baruch, e adota a forma latina Benedictus na assinatura de seus textos, ou Bento a forma em português como seus amigos o chamavam. Em 1670 publica o Tratado Teológico-Político e, em 1675 conclui sua obra mais importante, a *Ética*, porém ela não é publicada em vida de Espinosa.

Metade do Enigma de Espinosa, Yalom dedica ao *Reichsleiter* Alfred Rosenberg, pioneiro ideólogo do nazismo juntamente com Dietrich Eckart, fundador e editor-chefe do jornal de extrema direita publicado em Munique, *Auf gut Deutsch (Em bom alemão)*. Rosenberg é caracterizado como antissemita desde a adolescência, aprofundando esse sentimento ao longo da juventude e fase adulta com a formação em arquitetura, que cursa e conclui em Moscou, na Rússia em 1918. Logo que tem oportunidade saiu deste país com profundo ódio do que denominava “revolução judaico-bolchevique” ocorrida em 1917.

Autodidata, Rosenberg estudava a filosofia alemã, Kant, Fichte, Hegel, Schopenhauer e Nietzsche, mas tinha especial apreço pela literatura romântica de Goethe. É deste autor que extrai o problema que impacta sua vida: como pode o grande escritor alemão Goethe ser adepto e seguidor do filósofo judeu Bento Espinosa? Qual é o enigma de Espinosa?

O antisemitismo Rosenberg aprimora a partir da obra do racista inglês Houston Smith Chamberlain, autor de *Fundamentos do Século XIX*. Autor que visita, em companhia de Hitler, em outubro de 1923. Genro de Richard Wagner, Chamberlain vivia com sua esposa Eva e a sogra Cosima Wagner em uma mansão em Bayreuth. Ainda, Rosenberg tem a oportunidade de desenvolver sua plataforma ideológica através do jornalismo que praticou a vida inteira. Além do ódio aos judeus, defendia de modo veemente a superioridade da raça ariana, a defesa da manutenção da pureza da raça, a expulsão dos judeus da Europa e o *Lebensraum* – espaço vital necessário para o desenvolvimento integral da raça ariana, ou seja, do povo alemão.

Alfred Rosenberg esteve envolvido desde o início da fundação do Partido dos Trabalhadores Alemães, que posteriormente tornou-se Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, NSDAP*), finalmente Partido Nazista (*Nazi*). De editor adjunto de Eckart, Alfred foi nomeado diretor-geral do jornal oficial dos Nazi, *Völkischer Beobachter* (Observador do Povo), por Hitler. Quando ocorre, em 1923 o fracassado golpe dos nazistas ao governo de Munique, conhecido com *Putsch*, Hitler que foi preso, confia a liderança dos nazistas a Rosenberg.

Este, ainda teve participação ativa nas campanhas eleitorais que o partido nazi participou na década de 1920, até assumir postos relevantes na estrutura de governo do Reich, como já foi exemplificado anteriormente.

A presença de Rosenberg torna-se mais relevante na trama de Yalom quando ele comanda a *Einsatzstab* (força-tarefa) responsável pelo confisco da biblioteca de Espinosa, no museu dedicado ao filósofo holandês. O grande enigma da vida de Rosenberg, só poderia ser desvendado no estudo daquele acervo, pois certamente as ideias de Espinosa, que tanto influenciaram Goethe estariam naqueles livros. Um obstáculo, porém, devia ser superado: os livros estavam escritos em latim, hebraico, italiano, francês e até em português. Quase nada em alemão ou russo, os idiomas conhecidos por Rosenberg. Na época de Espinosa a língua culta oficial dos pensadores europeus ainda era o latim, em sua grande maioria.

No entanto, Alfred Rosenberg não teve tempo de enfrentar o desafio. Foi nomeado ministro do Reich para os territórios ocupados, do leste europeu. Nunca teve oportunidade de voltar aos livros de Espinosa, pois foi preso em 1945 e, condenado a morte em 1946. A sua sentença foi a sexta a ser proclamada e dizia o seguinte: *“Réu Alfred Rosenberg, considerando-se as acusações das quais o senhor foi julgado culpado, este tribunal o sentencia à morte por enforcamento”* (p.421).

Bento Espinosa havia morrido em 21 de fevereiro de 1677 de tuberculose. Seu editor publicou as obras completas postumamente, incluindo a *Ética*, a mais importante delas. Rosenberg em vida foi o segundo autor mais vendido da Alemanha com o livro *“O mito do século XX”* – apenas perdeu a posição de mais vendido para Adolf Hitler e seu *Mein Kampf*.

Espinosa trezentos anos depois de sua excomunhão foi reabilitado pelos governos da Holanda e Israel que ergueram um memorial e placas em sua homenagem, no seu país. O primeiro-ministro de Israel em 1956, Ben-Gurion declarou Espinosa membro do povo judeu (p. 413) apesar dos protestos de alguns ortodoxos.

O livro de Irvin D. Yalom merece ser lido pela abordagem que faz da vida e da obra de Bento Espinosa, pelo relato da trajetória de um importante líder nazista. Mas, principalmente, pela maneira original que aborda as temáticas com a perspectiva de um psiquiatra profissional que transita pela história, pela filosofia e pela literatura.

## REFERÊNCIAS

YALOM, Irvin D. **O enigma de Espinosa**: a história do filósofo judeu que influenciou uma das maiores mentes nazistas. Tradução Maria Helena Rouanet. 1ªEd. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019. 432p.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA


ROSENBERG E A SAGA PARA DESVENDAR O ENIGMA DE ESPINOSA: UM OLHAR SOBRE A OBRA DE IRVIN D. YALOM

### Daniel de Souza Lemos

Doutorando em História

Universidade Federal de Pelotas, PPG História, Pelotas, Brasil

daniel-dlemos@educar.rs.gov.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3671-5203>

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### HISTÓRICO

Recebido em: 20 de janeiro de 2021

Aprovado em: 17 de agosto de 2021

